

\* MAPUTO

A.1.4

24.11.93 LUSA

Dhlakama vai propor substituição de metade dos "capacetes azuis" por mais policia da ONU

Maputo - A RENAMO vai propor a substituição de metade dos "capacetes azuis" por um reforço do contingente policial que fiscalize a policia mocambicana durante a campanha eleitoral, disse à Agencia LUSA, o presidente do movimento Afonso Dhlakama.

O lider da RENAMO indicou tambem que vai entregar até ao final desta semana ao Presidente da Republica Joaquim Chissano a lista dos 33 assessores do seu movimento dos 11 governadores provinciais e exigir a sua entrada imediata em funcoes.

A vinda de um contingente policial e a nomeação dos assessores foram dois entendimentos a que chegaram no começo de Setembro ultimo Dhlakama e Chissano.

Mas o lider da RENAMO manifestou-se claramente insatisfeito com o numero aprovado no começo de Novembro pelo Conselho de Seguranca de apenas 128 policia das Nacoes Unidas.

"O que é isso? Isso nao interessa", declarou Dhlakama, referindo-se aos 128 efectivos.

Dhlakama acrescentou que a sua proposta visa responder às alegações da comunidade internacional de que nao há dinheiro para um contingente policial numeroso, como ele pretendia.

A proposta da RENAMO, segundo indicou, vai ser exposta ao enviado especial da ONU para Mocambique, Aldo Ajello, e ao próprio secretario-geral Boutros Ghali por carta.

Ajello tem afirmado que o envio dos milhares de efectivos pedidos pela RENAMO é inviavel, mas sexta-feira garantiu que mais policia da ONU virao para alem dos 128.

"Vamos propor que metade do contingente militar das Nacoes Unidas que está aqui seja retirado", sendo substituido pela policia, disse o Presidente da RENAMO.

A ONUMOZ tem actualmente em Mocambique cerca de 6.000 efectivos militares e mais de 300 observadores militares.

Segundo Dhlakama, "nao faz sentido que esse contingente continue", porque "até Agosto do proximo ano teremos um exercito formado" e os capacetes azuis regressarao aos seus paises.

"Mas teremos problemas durante a campanha eleitoral", considerou, acrescentando desconfiar da capacidade da policia governamental para manter a lei e a ordem.

O Presidente da RENAMO afirmou que pretende que elementos do contingente policial da ONU estejam em todos os locais onde houver forcas da ordem do governo.

"Quero a policia (da ONU) para fazer um trabalho efectivo junto à policia mocambicana", nao só para fiscalizar, mas tambem para "ajudar e até reforçar a capacidade de actuacao da propria policia mocambicana".

Na sua entrevista, o lider da RENAMO declarou-se ainda "traído" pela comunidade internacional, que nao está a cumprir a promessa de financiar a transformacao do movimento guerrilheiro em partido politico.

Dhlakama avisou que, com estas dificuldades financeiras, pode perder o controlo do seu movimento e entao "nao haverá paz nem democracia" em Mocambique.

Segundo ele o "trust fund" gerido pelas Nacoes Unidas a favor do seu movimento "é dinheiro para aguentar com a presenca da RENAMO aqui em Maputo" nas comissoes do processo de paz.

O "trust fund", de 10 milhões de dolares, ainda só foi realizado em 5,7 milhões de dolares, graças à verba disponibilizada pela Italia, segundo Aldo Ajello.

Dhlakama reafirmou que o seu movimento vai dar início ao acantonamento a 30 de Novembro, mas avisou que podem surgir "problemas" que fugiu a especificar.

Não querendo indicar o que vai fazer, Dhlakama tanto afirmou que vai cumprir o calendário do processo de paz, que prevê que o acantonamento decorra em dois meses, como admitiu que ele possa não ser concluído.

"Até podem acantonar todas (as tropas). Mesmo que acantonem e desmobilizem podem surgir problemas. O meu problema é de surgir tudo e perigar a paz", disse.

"Se não se avisa, as pessoas podem pensar que está tudo a andar bem", declarou Dhlakama, que acusa a comunidade internacional de ver o processo de paz moçambicano como apenas o desarmamento da RENAMO.

"Não quero que a comunidade internacional venha dizer que sou o segundo Savimbi. Não sou Savimbi, não serei Savimbi", afirma, para explicar porque razão levanta agora a questão do financiamento da RENAMO.

Com as datas do acantonamento e das eleições marcadas, o líder da RENAMO considera que "não há mais recuo" para a transformação do seu movimento de força militar em partido político.

"É preciso que a RENAMO marque a sua presença politicamente" e para isso precisa de "infra-estruturas", sublinhou.

De acordo com o líder da RENAMO, o seu movimento é disciplinado e um ano de paz praticamente sem incidentes é disso prova.

Mas, segundo ele, militares e políticos da RENAMO poderão sentir-se traídos e considerar-se livres para fazerem "aquilo que entenderem".

"Se for assim vai ser um problema muito sério. (...) Se eu até aqui consegui controlar a RENAMO, vou perder o controlo", afirmou.

Dhlakama afirma que antes de assinar o acordo geral de paz, em Outubro de 1992, recebeu promessas de ajuda financeira de diversos países, que não citou, com a excepção de Portugal.

"Sinto-me agora traído, eu fui traído, porque muita gente prometia", frisou.

"Os países prometiam: tolha, não há problema. Assina o acordo que o dinheiro vai chover, toda a gente compreende que a RENAMO ainda tem armas", recorda Dhlakama.

Segundo ele, Portugal foi um dos países que prometeu dar dinheiro. "Não quero dizer que fizeram um documento, que assinaram... Mas eu falava com responsáveis portugueses", insiste.

"Muitos países prometeram, não me interessa citar, mas hoje mudaram de disco", acusa. "Quando disseram tassina o acordot, eles sabiam que as leis deles não permitiam apoiar um partido, mas hoje é que estão a dizer isto".

"Tem que haver um milagre. Tem que haver alguma coisa. Ou americanos e britânicos, portugueses, franceses, alemães, combinarem-se, criarem um fundo. Fecharem os olhos. Disponibilizar. Porque é preciso. Isto é imediato", afirma Dhlakama transmitindo a urgência do seu apelo.